

Introdução

Realizaram-se a 24 de janeiro de 2021 as eleições presidenciais portuguesas, nas quais Marcelo Rebelo de Sousa foi reeleito chefe de Estado por mais cinco anos. Uma reeleição que ganhou facilmente, pois obteve maioria absoluta na primeira volta (60,7%), tornando desnecessária uma segunda volta. No entanto, a competição e o interesse destas eleições não residiam tanto na determinação de quem ocuparia a cadeira presidencial (Marcelo Rebelo de Sousa foi sempre o candidato preferido e quase incontestado), mas sim em esclarecer qual seria o segundo candidato mais votado: a socialista (mas candidata independente) Ana Gomes, ou o político de extrema-direita, André Ventura. Acabaria por ser Gomes a conquistar o segundo lugar, embora o resultado renhido (12,97% para Gomes e 11,90% para Ventura) e os 496 563 votos obtidos por André Ventura atestassem a consolidação da extrema-direita em Portugal, prevenindo-se, aliás, o crescimento do Chega, que se confirmaria nas eleições legislativas realizadas a 10 de março de 2024, nas quais obteve mais de 1 108 000 votos.

De facto, a «exceção ibérica», que significava, ao contrário do resto da Europa, a ausência da extrema-direita como força política significativa em Espanha e em Portugal, tinha chegado ao fim no caso português, uma vez que esta família política conseguira entrar na Assembleia da República pela primeira vez em 2019. Nessa ocasião, o Chega (partido fundado por André Ventura) obteve 67 876 votos e um lugar parlamentar (que viria a ser ocupado pelo próprio). Posteriormente, nas eleições de 2021, o Chega viria a obter quase meio milhão de votos e em 2022 consolidaria a sua posição como terceira força parlamentar. O grande salto ocorreria, contudo, nas eleições legislativas de 2024, em que conseguiu eleger 50 (21,7%)

dos 230 deputados que compõem a Assembleia da República, tornando-se uma peça fundamental nas decisões políticas em Portugal.

Esta obra coletiva, que conta com a colaboração de reputados investigadores portugueses e espanhóis, pretende não só estudar a política portuguesa atual, mas também explicar o surgimento e a ascensão da extrema-direita em Portugal. Tudo isto a partir de uma perspetiva contemporânea, que incorpora as emoções na explicação política, deixando de lado as visões excessivamente racionalistas que dominaram a ciência política moderna até há pouco tempo. Por isso, nestas páginas, prestamos atenção, entre outros, aos elementos característicos do sistema eleitoral, à liderança, à ideologia, à comunicação política, às decisões de voto e, sobretudo, ao impacto das emoções no efeito que todas estas variáveis clássicas têm no comportamento eleitoral dos portugueses.

Grande parte da análise realizada ao longo deste livro utiliza dados do inquérito realizado pela equipa de investigação política da Universidade de Santiago de Compostela (EIP-USC), que tem vindo a realizar uma investigação intensiva sobre a dimensão emocional da ascensão da extrema-direita em Espanha. O inquérito «Política e emoções em Portugal» (IPEP, junho de 2021) teve como universo os eleitores portugueses com 18 ou mais anos de idade. O trabalho de campo foi realizado pela DOMP, SA, e financiado pela EIP-USC através dos *Proxectos de consolidación e estructuración de unidades de investigación competitivas* da Xunta de Galicia, no rescaldo imediato das eleições presidenciais portuguesas de janeiro de 2021. O inquérito baseia-se numa amostra de 1000 entrevistas realizadas por telefone, através do sistema CATI, entre 10 de março e 16 de junho de 2021, recorrendo a uma amostragem por quotas, sexo, grupo etário e região (NUT II) e o erro máximo associado às proporções apresentadas de $\pm 3,2\%$, calculado assumindo uma amostragem aleatória.

É necessário salientar que a conceção, desenvolvimento e realização dos nossos próprios estudos foi sempre uma constante na dinâmica de trabalho do grupo e responde a uma estratégia de investigação cujo objetivo último é analisar em profundidade alguns dos fenómenos que têm maior presença e importância no domínio do comportamento político. Este tipo de desenho permite-nos, conseqüentemente, incluir e testar novos temas e abordagens na formulação das questões, construindo assim os nossos próprios instrumentos de recolha de informação que são posteriormente testados.

Isto resulta em estudos completos que oferecem uma importante riqueza analítica ao investigador, permitindo-lhe aprofundar o objeto de estudo de um ponto de vista empírico, adaptado ao potencial de análise que pode ser posteriormente oferecido pelo uso de diferentes técnicas de análise estatística que têm sido utilizadas em diversas publicações. Este é o segundo livro de uma série de publicações sobre emoções e política, planeada pelo EIP-USC no âmbito do seu programa de investigação, e na qual contamos sempre com a colaboração de colegas de outras universidades e investigadores de reconhecido prestígio no país. O primeiro livro intitula-se *Emoções, Política e Comunicação no Equador* e foi publicado pelo centro editorial PUCE em 2022. Este é o nosso segundo livro, mas já estamos a trabalhar num terceiro, que tratará do caso do México.

O trabalho coletivo aqui apresentado estrutura-se em 14 capítulos, nos quais os autores apresentam uma visão abrangente dos atuais desenvolvimentos políticos em Portugal, com particular ênfase na ascensão da extrema-direita e na componente emocional do comportamento político e eleitoral português.

No capítulo 1, Nieves Lagares e Pablo Oñate fazem uma revisão dos avanços na investigação sobre o comportamento político (incluindo a introdução das emoções nestes estudos) e apresentam uma primeira abordagem à presença de emoções em relação aos principais líderes e partidos da atualidade em Portugal. Chegam a três conclusões gerais: em primeiro lugar, torna-se evidente como as arquiteturas emocionais passam a configurar espaços que possibilitam o voto para além das ideologias e das políticas públicas. Em segundo lugar, mostram que, quando falamos de polarização emocional, fazemo-lo em relação à presença de emoções ligadas à aversão, que tradicionalmente não faziam parte do regime emocional da competição política. Finalmente, observa-se que, uma vez construída, a polarização emocional só é reversível se os atores que a geram perderem peso na construção do regime emocional.

Os dois capítulos seguintes fazem uma apresentação aprofundada, sintética e panorâmica do atual contexto político português. Assim, no capítulo 2, Carlos Jalali passa em revista a evolução recente e o estado atual do sistema político e eleitoral português, analisando elementos relevantes como o sistema de governo, o regime eleitoral, a organização territorial e o sistema partidário. Tudo isto é comparado com o país vizinho e parceiro na terceira vaga de democratização: Espanha.

Assim, conclui que os dois países se assemelham no facto de terem um sistema eleitoral de representação parlamentar com listas fechadas e método de Hondt e uma elevada incidência de círculos subnacionais de baixa magnitude. No entanto, os dois países diferem não só em termos de sistema de governo (no caso de Portugal, adotando um modelo semipresidencial), como de governação subnacional (sendo Portugal caracterizado por um elevado grau de centralização, também ligado a uma diferença no processo de construção da nação). Finalmente, no que respeita ao sistema partidário, o caso português apresenta um cenário bastante estável, baseado na competição entre os dois principais partidos (PS e PSD), mas em que há sinais de mudança (maior colaboração entre partidos de esquerda, entrada de novos partidos).

Prosseguindo com este trabalho de contextualização, foi necessário abordar separadamente a evolução da direita portuguesa, uma vez que é o espaço ideológico que produziu o acontecimento político português de maior interesse académico nos últimos anos, nomeadamente o surgimento do Chega. Assim, no capítulo 3, Alfonso A. López Rodríguez e Giselle García Hípola fazem esse trabalho recuando ao início do século xx, passando pela Revolução dos Cravos até ao já referido surgimento da extrema-direita. Concluem que esta formação é uma clara representante da quarta vaga da extrema-direita populista que, desligada do passado ditatorial português e desprovida do estigma de pertencer a uma subcultura violenta, conseguiu acabar com os cordões sanitários, facilitou a normalização institucional de um partido caracterizado por uma estratégia de comunicação centrada no populismo conflitual (com uma retórica antielitista e antipolítica) e pelas suas posições típicas do nacionalismo nativista e do liberalismo económico antissocial.

Dado que as eleições que coincidiram com o estudo utilizado para este trabalho foram eleições presidenciais, não é surpreendente que uma das contribuições dos nossos autores se tenha centrado na dimensão da liderança. Assim, no capítulo 4, Serafín González Quinzán e María Pereira López realizam uma análise quantitativa dos candidatos presidenciais para as eleições de 2021. Os autores concluem que os eleitores avaliam melhor a imagem e os atributos do candidato em quem votaram, em contraste com aqueles em quem não depositaram o seu voto. Por outro lado, é de salientar a existência de uma significativa reação emocional negativa em relação

a André Ventura (quer em termos de presença, quer de intensidade), o que pode indiciar uma rejeição do próprio líder ou do seu partido. Quanto à análise multivariada, é de realçar o efeito que tanto a avaliação dos seus atributos, como as emoções evocadas em relação a eles tem na avaliação dos líderes. Desta análise, é possível extrair, em termos comparativos, a existência de lideranças mais emocionais do que outras, de tal forma que umas se baseiam exclusivamente na avaliação das qualidades e outras num equilíbrio entre estas e as expressões emocionais.

Dando continuidade à análise concreta da situação política atual em Portugal iniciada no capítulo anterior, os autores Diogo P. Silva, Filipe Piedade e Isabel Menezes analisam, no capítulo 5, se o posicionamento ideológico no eixo esquerda-direita tem consequências na avaliação da situação política, tanto na avaliação que os cidadãos fazem da situação, quer nas suas atitudes políticas e emoções face à política. Além disso, esta diversidade ideológica está relacionada com o seu contexto político. Os resultados parecem confirmar que o autopoicionamento ideológico é, de facto, uma variável relevante na avaliação do mundo tal como ele é e na definição de como ele deve ser. Assim, é de salientar que a esquerda apresenta um perfil de maior satisfação e otimismo face à situação em Portugal, enquanto a direita apresenta o perfil oposto, embora em ambos os casos os níveis de interesse pela política, de crença na eficácia do voto e de satisfação com a democracia sejam semelhantes. O dado realmente preocupante encontra-se nos níveis de desinteresse e desconfiança política do maior contingente eleitoral português, que é aquele que se situa no centro ideológico.

De seguida, no capítulo 6, Diego Mo e Patrício Costa realizam uma análise quantitativa das eleições presidenciais de 2021 em Portugal. Uma análise que é simultaneamente de natureza descritiva e explicativa, centrando-se, neste último caso, na identificação das componentes explicativas do voto nos três principais candidatos presidenciais nas eleições em causa (Marcelo Rebelo de Sousa, Ana Gomes e André Ventura) e dando especial atenção ao potencial explicativo que as variáveis emocionais podem ter. Assim, constata-se que as emoções desempenham, de facto, um papel relevante na explicação do voto nos diferentes candidatos. Neste sentido, destaca-se o facto de as emoções positivas em relação aos candidatos serem um indicador da sua competitividade. Para além disso, é de salientar que

as emoções desempenham um papel mais saliente sobretudo nas explicações do voto em André Ventura. Tendo tudo isto em conta, importa ainda referir que a identificação partidária e a ideologia se revelaram, naturalmente, importantes variáveis explicativas.

No capítulo 7, José Santana Pereira e Paulo Cruz analisam quantitativamente o espaço da abstenção eleitoral nestas eleições, centrando-se na dimensão emocional. Assim, a sua análise preocupa-se tanto em descrever as principais emoções expressas entre os abstencionistas, como em identificar os determinantes da decisão de abstenção, dando especial atenção ao papel que as emoções face aos candidatos presidenciais podem desempenhar. Os resultados indicam a irrelevância das respostas emocionais à política em geral e a diferenciação entre as reações emocionais a André Ventura, por um lado (mais negativas em frequência e intensidade), e a Marcelo Rebelo de Sousa e Ana Gomes, por outro (com a presença de emoções negativas, mas com menor frequência e intensidade). Quanto à abstenção, apenas o medo se revela um fator relevante, mas o seu efeito depende do candidato em causa (nulo no caso de Marcelo Rebelo de Sousa, positivo no caso de Ana Gomes e negativo no caso de André Ventura).

O descontentamento político torna-se o objeto de estudo de Ángel Cazorla e José Manuel Rivera no capítulo 8, no qual analisam este fenómeno (de importância atual no Sul da Europa) sobretudo a partir de uma perspetiva emocional. Desta forma, prestam especial atenção ao papel das emoções nos processos de ativação do descontentamento político, à relação deste descontentamento com determinados perfis de cidadãos e ao seu impacto no comportamento eleitoral. A partir destas questões, podemos destacar a preeminência dos fatores afetivos como elementos importantes para a compreensão das escolhas políticas, e afirmar que o desinteresse não parece ser um elemento central na explicação do voto em Portugal.

No capítulo 9, Frederico Ferreira da Silva e Erika Jaráiz Gulías analisam a ascensão da extrema-direita no caso português. Tendo este partido e o seu líder (André Ventura) no centro das suas atenções, os autores abordam este estudo considerando as variáveis emocionais tanto descritivamente (apresentando dados sobre a presença e intensidade de reações emocionais entre diferentes grupos) como causalmente (integrando as emoções face aos líderes como possíveis variáveis explicativas). Em sentido descritivo, constata-se que houve um aumento significativo dos níveis de identificação partidária com

o Chega entre 2019 e 2021, que os eleitores de André Ventura estão claramente insatisfeitos com o funcionamento da democracia, desconfiam da classe política e das instituições e opõem-se ao reconhecimento dos direitos dos LGTBI+ e dos imigrantes, e que este líder transmite aos seus eleitores sentimentos de orgulho, esperança e paz de espírito, enquanto em relação aos outros candidatos as emoções são antes de irritação e de preocupação. Quanto à explicação do voto em Ventura, uma vez introduzidas as variáveis emocionais, estas revelam-se como as principais variáveis explicativas (sobretudo o sentimento de orgulho em relação a este líder), perdendo significado a identificação partidária e as variáveis tradicionais.

No capítulo 10, Patrícia Silva e Edna Costa analisam as (potenciais) diferenças políticas geracionais entre os jovens e a restante população portuguesa, sem esquecer o importante papel que as variáveis emocionais podem desempenhar, quer numa perspetiva descritiva (considerando as diferentes respostas emocionais que podem surgir relativamente à política, aos líderes políticos e aos partidos), quer numa perspetiva explicativa (considerando o papel que as variáveis emocionais podem desempenhar na explicação da participação eleitoral e da participação não-convencional). Centrando-se nas especificidades dos jovens, concluem que estes apresentam, de facto, um perfil de emoções (tanto em relação aos candidatos como aos partidos) que tende a ser mais intenso e que, para além da importância explicativa geral das emoções em relação à participação convencional e não convencional, se pode destacar como as emoções negativas entre os menores de 24 anos parecem predizer a participação não convencional.

No capítulo 11, Ricardo Soares, Carla Malafaia e Pedro Ferreira analisam a política portuguesa atual, abordando a relação entre populismo e características socioeconómicas, atitudes políticas e variáveis emocionais. Uma análise relevante, se tivermos em conta que a onda de intensificação populista vivida nos últimos anos chegou também a Portugal, onde existem atualmente partidos políticos que respondem tanto às características comunicativas como políticas do populismo. Os autores concluem que os cidadãos portugueses apresentam níveis consideráveis de adesão ao populismo, mas a relação entre estes elementos é matizada. Assim, embora essa relação tenha sido detetada na insatisfação com a democracia, na desconfiança em relação à classe política, na irritação e na indiferença, não se verificou

que estivesse associada aos estratos económicos mais baixos. Pelo contrário, a confiança nos políticos parece estar associada a pessoas com rendimentos mensais mais baixos. A relação entre o populismo e as características socioeconómicas está certamente relacionada com a idade e o nível de escolaridade, sendo que os cidadãos mais velhos e os que têm níveis de escolaridade mais baixos apresentam atitudes mais populistas.

Na competição para determinar quem seria o segundo candidato mais votado em 2021, destacou-se o apoio do distrito do Porto a Ana Gomes (significativamente superior ao dos restantes distritos), o que acabaria por determinar que seria esta candidata e não o líder do Chega a ocupar o segundo lugar. Paloma Castro e Custódio Oliveira estudam este facto no capítulo 12, considerando que por detrás do fosso percetivo que existe entre o distrito do Porto e o resto de Portugal, encontram-se outros aspetos da identidade social, como o desporto.

Para encerrar este trabalho, os dois últimos capítulos centram-se no domínio da comunicação. Assim, no capítulo 13, José Manuel Trujillo, José Alberto Azeredo e Juan Montabes analisam de forma descritiva e indutiva a relação entre os *media* e as emoções relacionadas com a política em Portugal. Desta forma, começam por analisar o ecossistema mediático português, descrevendo os principais grupos de redes sociais, as suas audiências registadas e os principais dados sobre o mercado publicitário português neste sector. Por outro lado, é estudada a publicação de informação política nestes *media* e a sua relação com as emoções sentidas em relação aos partidos políticos. Concluem que, no ecossistema mediático português de pluralismo limitado em que domina a televisão (seguida da imprensa e da rádio, e em que a internet está a ter uma penetração significativa), as emoções prevalecentes são as positivas (sobretudo a esperança, o orgulho e a tranquilidade), destacando-se entre as emoções negativas os sentimentos de preocupação e de irritação. Além disso, salientam que a rádio desempenha um papel preponderante na identificação dos fatores emocionais relacionados com o comportamento político.

Finalmente, no capítulo 14, Sergio Pérez Castaños e Paulo Carlos López-López analisam o consumo das redes sociais pelos cidadãos portugueses e a sua possível relação com a presença ou ausência de emoções em relação a candidatos ou partidos políticos. Assim, estes autores abordam questões como o perfil do utilizador das redes

sociais (que corresponde ao dos países vizinhos), que usos políticos são feitos das redes (mantendo um padrão europeu), se existe alguma relação entre o voto e o uso das redes e se as emoções negativas ativam o uso das redes sociais. Relativamente às duas últimas questões, os resultados indicam, por um lado, que a única variável comunicativa estatisticamente relacionada com o voto é a utilização das redes sociais para receber informação política nos casos do Chega e da IL. Por outro lado, o papel ativador das emoções negativas, como a irritação, é corroborado, uma vez que as pessoas que demonstram emoções negativas diferentes em relação aos candidatos não independentes intensificam significativamente a utilização das redes sociais.